

RUMI

O PEQUENO
LIVRO
DA VIDA

O Jardim da Alma,
do Coração e do Espírito.

Tradução de
Manuel Clemente

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2020

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *O Pequeno Livro da Vida*

Título original: *Rumi's Little Book of Life*

Coordenação e tradução do original: Maryam Mafi e Azima Melita Kolin

Autor: Jalal ad-Din Rumi

Tradução: Manuel Clemente

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Ilustração de capa: © Vera Braga

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 463796/19

1.ª edição: fevereiro de 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

PREFÁCIO

Foi há cerca de dez anos que começámos a estudar e a discutir aprofundadamente a vida e a poesia de Rumi como parte do curso clássico de Poesia Persa, curso que leciono na Escola de Estudos Orientais e Africanos, em Londres.

Partilhei com os meus alunos algumas filmagens de dervixes¹ a dançar em Konya, bem como encontros mais privados na Turquia e no Irão, onde a poesia de Rumi era recitada e acompanhada de música, e vastas multidões ondeavam de um lado para o outro em verdadeiros estados de êxtase.

Enquanto viam estas imagens, eu olhava para os rostos dos meus estudantes – predominantemente europeus ocidentais –, reparando nos seus sorrisos e nas expressões de surpresa que faziam, e até de identificação. Muitos deles também dançavam assim quando, por exemplo, saíam à noite e iam a discotecas. Numa das vezes, um dos alunos disse que o vídeo se assemelhava a uma *rave* em pequena escala, que cumpria com todos os requisitos de paz, amor e êxtase, sem que este fosse um estado quimicamente induzido.

¹ Do persa درویش, Darvīsh pelo turco *Derviş*, é um praticante do islamismo sufista que segue o caminho ascético da *Tariqah*, conhecido pela extrema pobreza e austeridade. [N. T.]

O movimento, que começou na década de 1950 em Londres, espalhou-se pela Europa, pela América do Norte e pela Austrália, tornando-se gradualmente numa atividade de grupo perfeitamente normal para jovens de várias partes do mundo. Mesmo permitindo variações no vocabulário moral e social das diferentes culturas e a evolução das ideias através dos séculos, as palavras Paz, Amor, União e Respeito foram as maiores lições deixadas por Rumi, erudito, professor e poeta persa do século XIII.

As expressões embriagadas de amor e desejo de união com o «amado imortal» – que adorna quase todos os poemas de Rumi – foram desencadeadas depois de um encontro casual com Shamsuddin de Tabriz em 1244, em Konya, nas terras baixas da Ásia bizantina.

Shams era um mestre supremo que procurava há anos por um companheiro altamente espiritual ao qual pudesse passar a sua sabedoria. Mas para aqueles que acreditam nos jogos do destino, o encontro de Rumi com Shams foi uma reunião predeterminada de um professor místico e apaixonado com um aluno recetivo.

O que haverá no coração da poesia de Rumi que cativou não apenas aqueles que conseguem ler os mais de 25 mil dísticos do seu *Masnavi*, os 35 mil dísticos dos seus *Divan-e Shams*, as odes líricas, e as suas mais de duas mil estrofes, e as fervorosas orações do seu *Monajat* no original persa, mas também aquelas pessoas que, além dos previsíveis limites geográficos e culturais das sociedades islâmicas, passaram a entendê-lo e a amá-lo através das traduções de algumas das suas obras?

Terão sido a falta de censura e a antipatia pelo puritanismo moral a conquistar os corações dos leitores de Rumi, ou terá sido a profunda afinidade com todas as histórias de separações e de confiança no poder do amor em transformar os destinos humanos?

Mowlana Jalal ad-Din Balkhi-Rumi – assim era o nome completo do poeta – aperfeiçoou primeiro a sua compreensão do conceito do divino ao emergir nas disciplinas da Teologia, da Filosofia e do Direito. Foi um fervoroso estudante da jurisprudência e dedicou os seus primeiros anos ao estudo das revelações e das tradições dos profetas.

Contando pouco mais de 30 anos, era já um dos mais influentes escritores de poesia e a sua influência ultrapassou os limites geográficos da sua terra natal. Rumi viria a tornar-se um dos poetas mais vendidos na América do Norte.

O fascínio do Ocidente por Rumi, no entanto, não começou nos Estados Unidos do século xx. Algumas das traduções mais antigas da poesia de Rumi remontam a 1772, quando *Sir William Jones*, filólogo inglês, traduziu as linhas iniciais do livro *Masnavi*:

*Escuta, já que tocas em contos tristemente agradáveis
A felicidade abençoada e a mágoa presente choram!*

*Comigo, dos bancos nativos rasgados prematuramente,
Jovens amedrontados pelo amor e virgens de cabelo macio choram.*

*Oh! Deixa que o coração, dilacerado até à morte pela ausência,
Sinta o que canto e sangro enquanto lamento:*

*Quem vagueia no exílio de seu pai
Veste-se para voltar e repreende a toda a hora.*

*O que escrevo, em círculos de tristeza e alegria,
Aclama o amanhecer, aplaude o crepúsculo.*

Nos dias de hoje, várias seleções de poemas de Rumi receberam centenas de títulos com propostas de tradução

para o inglês. Estas traduções aparecem em todos os formatos concebíveis, variando entre a rima literal, a prosa poética e as versões métricas.

Muitos dos poemas mais populares de Rumi foram traduzidos por um grande número de escritores, poetas e académicos, e embora a maioria tenha permanecido fiel à mensagem central do poema enquanto tentativa de entender e de aliviar a situação emocional e espiritual do Homem, cada ensaio é diferente na sua forma e no vernáculo.

Hafez de Shiraz (1325-1389) escreveu:

*A tristeza do amor não é mais do que apenas uma história,
mas, de modo surpreendente, nunca é a mesma, seja quem for
que se oiça.*

Alguns tradutores de Rumi tiveram mais sucesso do que outros em permitir ao leitor uma introdução mais gratificante e formativa à sua poesia. Mas o que esperar dos tradutores que, na maioria das vezes, se veem a braços com as complexidades do conteúdo semântico do verso original, bem como com a transferência do sentido da palavra na língua persa para a sua língua materna?

Alguns dos desafios seriam suficientes para persuadir qualquer tradutor a omitir o intraduzível. Mas um tradutor bem-sucedido deve ser capaz de captar o «espírito» e a «alma» do poema.

Em 1791, quando *Sir* William Jones traduzia poesia clássica persa, Frances Tyler enfatizou, nos seus *Princípios de Tradução* – o primeiro estudo sistemático em inglês do processo de tradução –, que o facto mais importante nesta demanda é que «a tradução deve acolher a simplicidade e a naturalidade da escrita original».

Além disso, pode acrescentar-se à simples ideia de Tyler que o sacrossanto estatuto do poema original não deve de modo algum impedir o tradutor poético de trazer a sua própria interpretação do poema para a versão traduzida, e, dependendo da sua própria criatividade, este é livre de replicar a peça com outras palavras, para que a tradução flua e não tropece à medida que é recebida por novos públicos.

O tradutor deve antecipar-se ao facto de o poema, nestas suas novas vestes de língua estrangeira, vir a ser lido por uma série de leitores – dos que talvez estejam familiarizados com o texto original e saibam muito sobre aquele período até aos que possam conhecer muito pouco sobre o poema original e sobre a estrutura literária da poesia clássica e persa.

O tradutor deve decidir se deve manter um sotaque na tradução e, ao fazê-lo, levar o poeta original ao lar e aos corações dos leitores estrangeiros, ou, por outro lado, se será melhor levar o leitor numa viagem exótica e aventureira, tendo o mundo do poeta persa como destino.

Acredito que a tradução lúcida, comovente e bela de Maryam Mafi e Melita Kolin da poesia de Rumi conseguiu satisfazer todas as expectativas do recém-chegado, do curioso e do antigo devotos da poesia e do ensino de Rumi. Este é um guia através da topografia da escrita de Rumi e prepará-nos para o hospedar nas nossas casas e nos nossos corações.

Esta tradução permite que grande parte da poesia de Rumi nos arrebate e nos queime silenciosamente, enquanto somos feitos cativos e levados a entrar num santuário interior de espiritualidade, paixão e alegria projetado por Rumi.

O Deus de Rumi não está na mesquita, no mosteiro ou no templo do fogo, porque reside na Casa da Intoxicação, construída num exuberante Jardim da Iluminação, onde uma escada de amor conduz ao divino. Ficamos a saber que o Deus de Rumi não veio para punir, mas para amar e resgatar a

Alma, o Coração e o Espírito. O único «direito comandado» por Rumi é que o espelho do coração seja polido:

*Amigos, retornemos à fonte da essência pura,
que nada mais pode ser igual. Lembrai-vos,
somos pérolas no oceano do espírito. Se assim não for, por que razão
brotam ondas constantes nos nossos corações?
A onda primeva criou a vasilha desse corpo,
enquanto se rompe, estaremos em união com o Amigo.*

A falecida Shusha Guppy (24 de dezembro de 1935, Teerão – 21 de março de 2008, Londres), escritora e cantora, gravou uma versão de uma canção de Leonard Cohen que adorava, e tinha a certeza de que era inspirada por Rumi. A canção de 1971, *Joana d'Arc*, contém estas palavras:

*Foi no fundo mais fundo do seu ardente coração
que ele acolheu Joana d'Arc já feita pó,
e ela claramente percebeu:
se ele era o fogo, oh, ela só podia ser a madeira.*

NARGUESS FARZAD

*Docente Universitária em Estudos Persas
Escola de Estudos Orientais e Africanos
Londres*

PRIMEIRA PARTE

O Jardim da Alma





Um

Volta, minha alma,
por quanto mais tempo
te alongarás no jardim do engano?
Enviei-te mil mensagens
Revelei-te mil caminhos
ou nunca as leste
ou preferiste ignorar os meus conselhos.
Volta, minha alma,
não desperdices tempo com os insensíveis
que em ti não reconhecem valor.
Porque buscas água
se tu própria és a corrente?
Ter-te-ás esquecido?
Tu és o falcão do rei,
um raio do Amado,
uma maravilha divina!



Dois

Satisfazendo o nosso orgulho,
Persequimos cada fugaz imagem.
Por ser tão irrelevante,
quão estranho é alimentar tamanhas ilusões.



Três

Não lamentes os prazeres do passado,
garante que se hão de repetir de uma outra forma.

Um bebé satisfaz-se com o leite materno
mas, assim que cresce,
descobre uma nova alegria no pão e no mel.

A alegria surge de diversas formas,
move-se de um sítio para o outro.
Pode aparecer subitamente na chuva que cai
ou nas pétalas de uma rosa;
surge agora como água,
como encanto ou alimento nutritivo,
mas, de repente, a sua face
revela-se por detrás do véu
e destrói todos os ídolos
que te impediram de alcançar o divino.

Durante o sono,
quando a alma abandona o corpo,
tu podes sonhar que és um enorme cipreste
ou uma bonita rosa,
mas tem cuidado, amigo,
todos estes fantasmas se dissipam no ar
assim que a alma ao corpo retorna.
Não confies em nada a não ser no teu coração.



Quatro

O Homem pode tolerar a chuva por instantes
mas depressa procura um abrigo,
enquanto os patos sobrevivem
felizes com a água da chuva.



Cinco

A mente é luminosa e busca justiça,
mas porque é que o ego, malvado,
prevalece sobre isto?
Porque o ego se sente em casa no corpo,
enquanto o intelecto é apenas um hóspede.
O cão de guarda do ego é como um leão.